O Burrinho que só Carregava Flores(*)

Zenilo Almada (**)

O dito é dos antigos “*Pra tudo se precisa de sorte/ pra lavar roupa também/ no dia que não faz soll/ a roupa não quara bem*” ...

Assim, foi o destino do burrinho “Jasmim” que só carregava flores. A afirmativa a garantir que o mamífero de coloração castanho-fulvo que amansado tornou dócil, apresentando comprovada domesticidade de ser asno animal de tração e carga, mereceu na monumental reverência do nosso Padre Escritor Antônio Vieira incomensurável louvação ao “*Jumento nosso irmão*” cuja obra impar divulgada internacionalmente expondo sua sabedoria a enaltecer o burrico que conduziu em Jerusalém o Salvador – com Jesus, Maria e José.

Esse animalzinho não só fadado a transportar cargas, mas recebem nobres e significativas missões das criaturas que também o reverenciam como se fossem sagrados animais.

Outros irmãos com sorte desiguais a do burrico – que só carregava flores. Ah! Quisera ver de novo agora e poder deitar o olhar sobre aquela larga e vetusta avenida dividida ao meio por canteiros formados por imensos ficus-benjamins, tendo de um lado o trilho do “bonde” que identificava o fim da maior linha, em extensão – a conhecida linha de São Gerardo, que também se chamou avenida do Alagadiço – hoje Bezerra de Menezes, com linhas de bonde Otávio Bonfim, Farias Brito – (três seções de linhas de bonde).

Em todo o percurso da bela avenida Bezerra de Menezes, se contemplavam as velhas arvores de “ficus-benjamim” que faziam divisão da alameda, e, ostentando suas raízes aéreas tremulavam ao vento, deixavam cair ao solo sementes que formando camada, servia de distração às crianças que pisoteavam aquelas sementes para sentir o espocar causado pelo vácuo do ar comprimido. Do alto das arvores bem-te-vis, galo de campina, lavadeiras, rolinhas cascavel e caldo de feijão, anunciavam com pungente canto agasalhando os filhotes e alimentando-os, o amanhecer do dia, para os moradores daquele aprazível bairro da zona oeste da Cidade.

Causava admiração à lenta caminhada daqueles vendedores cavalgando a conduzir verdadeiro jardim ambulante com bugaris, cravo, rosa menina,

(*) *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 23 abr., 2006. Caderno Cultura.

(**) Advogado

verbena, margarida, miosótis, e outras plantas ornamentais. De cima dos arvoredos ouvia-se os bem-te-vis que orquestravam harmoniosamente repetiam como se fosse estribilho de um cantar “*bem-te-vi, bem-te-vi, bem-te-vi*”, garboso jumentinho parecia compreender o coxear sutil impedindo passos mais rápido do vendedor de flores, que fixava o olhar para jardineira ricamente ornamentada com flores que desciam da cabeça aos olhos causando admiração aqueles floristas do bairro do alagadiço. Ofereciam as “mudas” que cuidadosamente amanhavam no jardim serviam para ornamentar a cabeça da florista em forma de coroa de flores, salientando mais ainda aqueles olhos bistrados da vendedora de flores matinal, dando conotação especial de um lado, o pajem mancebo que apascentava o burrinho florido que cavalgava pelas ruas do bairro alagadiço.

Seu caminhar enchia de um perfume floral de um recanto de um belo jardim, transportado ao lombo do burrego, lembrava a passagem bíblica da fugida do Menino Jesus de Belém.

Como era bela e sombria aquela antiga avenida. Quem por lá percorria, sentindo o perfume da aragem do verdejante arvoredo naquela mistura de mato e flores nativas... Ah, quem dera rever tudo aquilo novamente...

Conduzindo aquele animalzinho o casal burriqueiro cuja origem campestre, filho de pais hábeis campeiros, sabia pelo campo caminhar na busca dos vegetais xerófilos, das plantas medicinais, de fácil o seu conhecimento na identificação de espécimens ornamentais da nossa flora. Assim se desenvolvia até se tornar no solo um verdadeiro arboreto.

Despretensioso não se aprofundava no conhecimento das plantas, que cultivava e, ao amanhecer do dia o casal – D. Florzinha ao lado do burrinho “Jasmim” e, do outro lado o floricultor “Chico das Hortas” também conhecido por “Pé de Pato” por ter longos pés, parecidos com nadadeiras. O burrinho florido da cabeça a cauda, deixava presa na ponta da mesma, uma flor de amor perfeito, dando muita graça ao movimento contínuo a balançar a cauda do asno de lado para o outro. Assim caminhava o asninho carregado de mudas de plantas e flores para serem vendidas. O local desabitada rua ao final da Av. Bezerra de Menezes, no bairro do Alagadiço, conhecido depois por São Gerardo – pros lado do Coqueirinho, numa viela sem pavimentação, meio-fio, eletrificação. Só a luz do luar. A luz da “lâmparina” improvisada numa lata de flandres com bocal cilíndrico de onde saía um pavio feito de algodão, lã ou corda feita da palha de carnaúba ou agave contendo querosene, que boquinha da noite servia para clarear as casas e choupanas mais humildes que se

situavam naquele quase inóspito local. Mas a felicidade pode até morar com a pobreza dependendo da riqueza de espírito de cada um.

No clarear do dia antes de nascer do sol, respingos das gotas de orvalho caídas do Céu, molhavam a relva numa confraternização dos reinos mineral e vegetal irmanando-se gloriosamente seqüenciando a vida.

DOR OCULTA

Quando uma nuvem nômade destila
gotas, roçando a crista azul da serra,
umas brincam na relva; outras, tranqüila,
serenamente entranham-se na terra.

E a gente fala da gotinha que erra
de folha em folha e, trêmula, cintila,
mas nem se lembra da que o solo encerra,
da que ficou no coração da argila!

Quanta gente, que zomba do desgosto
mudo, da angústia que não molha o rosto
e que não tomba, em gotas, pelo chão,

Havia de chorar, se adivinhasse
que há lágrimas que correm pela face
e outras que rolam pelo coração!

Guilherme de Almeida

E, nessas manhãs de Junho, com clima entremeado pela primavera e outono, dá-nos agradável aparência dos lugares do sul, cuja temperatura amena torna-se convidativa os passeios matinais se sentia nos recantos daquele “bairro do alagadiço” dos anos quarenta, que o bonde era o melhor e quase único transporte da cidade.

O ônibus ainda não principiara sua linha itinerária, com raridade os automóveis – carros de praça para os mais afortunados, e, de luxo, só para o Dr. Abdínago Rocha Lima, mais conhecido por Dr. Rocha Lima, cuja obra immortalizou na meritória Maternidade Juvenal de Carvalho, no mesmo bair-

ro que tantas crianças pobres beneficiou e às desamparadas famílias que não tinham outra opção, porque nem se pensava em instituição destinado serviço de puericultura do Estado – a Maternidade Dr. César Cals e São Lucas em menor dimensão, por serem entidades de empreendimento particular, situadas no Centro da Cidade.

Mas em São Gerardo e Alagadiço, as manhãs tinham o cheiro de mato, - da mata-fresca, orvalhada com perfume de marmeleiro, sabiá, fedegoso, bertuega e pega-pinto que deixava em cada um de nós, a flagrância que não se esvaía, nem com o passar do tempo, porque deixa na brisa fria que envolve o tempo, lembrando as plantas retornando aos seus respectivos lugares, exalando pólen do estame inebriante que só o tempo poderia apagar.

E ainda mesmo sendo em bairro distante da cidade, se sente no ar o mesmo aroma que se aspira da essência de perfumadas orvalhadas pelos respingos das gotas de água que não se espalham pelo chão.

Caminhava o burrinho “Jasmim” e os floristas, a passo ordinário, em andadura natural de trote, com viseira ornada de flores silvestres e cultivadas, que desciam desde a cabeça envoltas no dorso do pescoço, prolongando-se na lombada, dava nítida impressão de estar vestido de flores o que lhe dava o encantamento da vegetação existente nos jardins dos bairros Farias Brito, S. Gerardo e Alagadiço, cultivados pelas famílias Fujita e Ratacaso. Nobres famílias ali residiam como Prof. Joaquim Albano, nosso querido Juiz Federal Dr. Roberto Queiroz, Pe. Misael Gomes, nosso ilustre ex-governador Waldemar de Alcântara com digníssima família, Dr. Alzir Barreto e Ninfa e filhos, mais adiante já no início do Barro Vermelho – hoje, Av. Mister Hull, a vivenda do ilustre e inesquecível Prof. Edson Carvalho Lima com sua estimada família.

As noites do alagadiço – São Gerardo ainda despovoado da multidão que hoje superlotam o bairro em população, cujas noites em grande salão azul do firmamento, com as estrelas cintilantes cortejavam a grande Deusa-Lua, rainha que se arrastava silenciosamente pela abóbada celeste, a contemplar a terra, dar as boas vindas aos amantes que percorriam lugares no tempo, a esperar a chegada do amante astro-rei (Sol) eterno namorado que resplandecente surge, espalhando raios anunciando o desencontro astral enchendo de calor o amanhecer do dia e o peito dos que se amam.

E nesse jardim primaveral no desabrochar das flores, seguia a cavalgar aquele casal de vendedores conduzindo as mais variadas flores, plantas, arbustos e trepadeiras silvestres e ornamentais como sorriso de Maria, verbena, rosa menina, nove horas, boas noites, avencas, bovinas, belas margaridas, ave-marias, miosótis, hortênsias, cravo de defunto, crisântemo.

E ao entardecer antes do toque das ave-marias, a noite já se prenuncia a volta do burrinho e seus donos adentrando uma pequena ruela, sem pavimentação, bem defronte aos palacetes de pessoas ilustres, como Luis Glastone – o Dr. Rocha Lima – D. Cora Glastone, alta funcionária da Delegacia Fiscal – Ô (O de penacho), hoje Rua Armando Oliveira. Já não conduzia mais nada, porque todo o estoque floril fora vendido na caminhada matinal, daquele simpático bairro da zona oeste da Cidade.

O burrinho cujas cangalhas feitas de madeira, no seu formato, acoplava pequenas prateleiras, sobre as quais iam colocando jarrinhos e pequenas latinhãs com mudas de plantas, que eram vendidas durante o dia nos diversos locais da cidade por onde se dirigiam. A florista ainda ricamente floreada, fazia o retorno à casa embora sem a maioria das rosas porque essas cumprira a sua missão graça a sua beleza, vivendo intensamente o dia, e, se despedir da vida para renascer no amanhã de outro jardim com singelo perfume dos roseirais cultivados pela beleza da flores mesmo com os pequenos acúleos que não chega a espinho porque estar na graça da rosa, por ser a flor da roseira e pétalas multicoloridas de aspecto belo com agradável aroma, que se confunde com a delicadeza dos seres que se amam... A flor, a rosa e o botão sempre tiveram o seu lugar de destaque na vida e na morte.

Por isso bem se curtia nas décadas dos anos 50/80, no Rio de Janeiro e particularmente nas mais sofisticadas e badaladas “Boites” de Copacabana entrava em cena, o celebre e inesquecível “Pedro das Flores” – floreiro que passava noite inteira a percorrer os bares e restaurantes, trajado a rigor – impecável smoking e bem compleiçoado, estatura alta, se impunha marcando presença nas mesas em que colocava flores que conduzia num rico floreiro de prata no qual acondicionava as mais lindas e perfumadas rosas, que em troca era compensado pelo ofertante tantas fossem as damas, o que de certa forma servia como apresentação do cavalheiro aquele delicado gesto de carinho e admiração à jovem que naquele momento se acompanhava para curtir uma noitada carioca bem aos moldes dos recuados tempos dos anos 50/80 do Rio – “Cidade Maravilhosa, cheia de encantos mil” hoje de “perigos mil”.

Por vezes “Pedro das Flores” a primeira que adentrava era a boite Hay Fay – na Av. Princesa Isabel, por ser início dos locais das boites de Copacabana. Era seguido pelo “vaga-lume” que lá se encontrava na entrada ao piscar da lanterna o interlocutor apontava as mesas e as damas muito das vezes se sentara cruzando os olhares para iniciar um flerte, hoje paquera, ou a fim de “ficar”. Daí a pouco sentava a mesa para principiar um amor à primeira vista,

graças ao Florista, que satisfeito com o pagamento, já se transportava n'outro local, ganhando a vida com o seu trabalho de embelezar com flores as pessoas, aproximando-as por um fortuito encontro que poderia se tornar em liame...

Saiamos do ambiente carioca e voltamos para as nossas origens provincianas, recheadas das coisas e costumes que os sertanistas são atraídos pelas riquezas da terra, a começar pelo cheiro de mato, da mangerioba ou mangerioba do Pará, carrapateira, alfavaca, hortênsias, fedegoso, vinagreira, hortelã em toda variedade, cravo de defunto, e as variedades dos “bons dias”, “boas tardes”, “boas noites”, coaçu, enfim as plantas medicinais cultivadas e nativas, e ainda a imensidão de um jardim florejado de copos-de-leite, antúrios, alpínea vermelha, afora as flores tropicais – espadas de São Jorge, bastão do Imperador, “eu e tu” (eufórbias esplendens.lin), “comigo ninguém pode”, “malícias de mulher” (dormideira) que até parece despertar em cada amante do sertão o desejo de se tornar florífago diante do roseiral, cujo orvalho enche de perfume o ar inebriando olhares, tornando mais suave e embriagando mente... Mas tudo não passa de sortilégios dos que amam a terra onde nasceram porque até entre espinhos nascem flores que dão graça e beleza enquanto permanecem vivas, a enfeitar os nossos entes queridos quando partem desta para outra vida melhor...

Padre Antonio Vieira, que melhor apologia fez ao “jumento nosso irmão”, demonstrando predileção pelo mamífero perissodóctilos – gênero e espécie *Equus asinus*.L, porque remonta sua utilidade desde os tempos imemoriais a conduzir Jesus, Maria e José, nos mais tortuosos caminhos na fugida para o Egito, não importando na sua variedade de cor do castanho-fulvo ao cinza-escuro, acrescentando que *“A cruz dorsal que os jumentos trazem na cernelha tem recebido as mais variadas e diferentes interpretações:*

- a) *foi o sinal das lágrimas de Maria quando fugia para o Egito;*
- b) *foi a marca deixada pela urina do Menino Jesus, durante a penosa viagem;*
- c) *foi a benção de gratidão que Maria lhe deu quando chegou a salvo no Egito;*
- d) *foi a marca de maldição de Nossa Senhora ao descer, fazendo uma cruz com a sua mão estendida sobre o jumento: “nunca mais me montarei em ti; e,*
- e) *é o sinal de predestinação do calvário do jumento sobre a terra”.*

O nosso sertanejo considera o jumento um animal santo, sagrado, por causa daquela cruz dorsal. Em Rodolfo Teófilo e outros escritores cearenses que descreveram os horrores das grandes secas ocorridas, relatam diversos fa-

tos de que os retirantes famintos rejeitaram a oferta de jumentos para serem abatidos, alegando que era sagrada àquela carne sobre a qual andou o Menino Jesus. “*O jumento nosso irmão – 1º Vol. Pág. 112*”.

Assim o jumento animal mamífero, facilmente domesticável, muito difundido no mundo e utilizado desde remotos tempos como animal de tração, carga, e, unglado, popularmente conhecido como asno, burro, jegue, burrico, jerico, também individuo de grande potencia sexual, muito lento – O jumento nosso irmão.

Dizem os mais entendidos que todos nós, ao nascer, trazemos o nosso carma de vida, não será essa “cruz dorsal” a do jumento nosso irmão? Quem sabe, se diante de tanta abnegação e renuncia, tenha sido carga que sobre seu lombo carrega, dando-lhe em troca como pagamento, alguns grãos de milho para sua alimentação.

Quem sabe se não era baseado no principio do Padre Verdeixa, que segundo a lenda afirmara que certo coronel do nosso interior o alertara dizendo: “*Sabe padre mestre aqui no tempo de seca, só duas coisas podem escapar – é jumento, porque come de tudo, até papel... e vigário, porque todo mundo se lembra de mandar uma prenda*” para aliviar as tristezas que a seca traz para o sertão, cujo calor abrasador retalha o chão e o barro dos lagos, lagoas, rios, deixando o solo recortado exposto em rugas marcadas pela ausência d’água, esperando alegres gotas venham orvalhar as matas que balançam altaneiras as suas arvores, na esperança de receber o benfazejo banho das águas das chuvas caídas do céu, que se vem juntar as lágrimas do sertanejo, que ri e chora ao mesmo tempo, agradecendo a Deus.